

Coleção
Filosofia e
Teoria Social

SOCIOLOGIA RELACIONAL

François Dépelteau &
Frédéric Vandenberghe (orgs.)



Ateliê de Humanidades
Editorial

SOCIOLOGIA RELACIONAL

FRANÇOIS DÉPELTEAU &
FRÉDÉRIC VANDENBERGHE (ORGS.)

SOCIOLOGIA RELACIONAL

1ª edição



Ateliê de Humanidades
Editorial

Título – *Sociologia relacional*

1ª edição – 2021, Rio de Janeiro – RJ

ISBN: 978-65-86972-07-8

atelièdehumanidades@gmail.com / www.atelièdehumanidades.com

© Ateliê de Humanidades

Ateliê de Humanidades Editorial

Rua Juparaná, 63, casa 03 – Andaraí, Rio de Janeiro, RJ

CEP: 20541-135

Tel: 21-97979-3743 / 21-98260-9154

Coordenação editorial:

André Ricardo do Passo Magnelli

Alberto Luis Cordeiro de Farias

Revisão técnica:

Lucas Faial Soneghet

Preparação de manuscrito e revisão final:

André Magnelli

Capa e projeto gráfico:

Afrodite Sá Peixoto

Direção da Série Filosofia e Teoria Social

Frédéric Vandenberghe – IFCS-UFRJ

S678

Sociologia relacional / François Dépelteau e Frédéric Vandenberghe (Orgs.). -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ateliê de Humanidades Editorial, 2021.

427 p.

(Coleção filosofia e teoria social)

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86972-07-8

1. Sociologia. 2. Teoria social. 3. Relação.

CDD 301

Sumário

APRESENTAÇÃO EDITORIAL	09
ABRINDO AS RELAÇÕES	15
A relação entre os capítulos	17
<i>Lucas Faial Soneghet & Frédéric Vandenberghe</i>	
A sociologia relacional como forma de vida	27
<i>Frédéric Vandenberghe</i>	
Relações <i>all the way down</i> ?	33
<i>Gabriel Cohn</i>	
I POSICIONAMENTOS, MANIFESTOS E MAPEAMENTOS	39
Comentários introdutórios. Sociologia processual- relacional, interdependência e democracia	41
<i>François Dépelteau</i>	
Manifesto por uma sociologia relacional	65
<i>Mustafa Emirbayer</i>	
Relação como operador mágico: superando a divisão entre sociologia processual e relacional	117
<i>Frédéric Vandenberghe</i>	
II REVISITANDO OS CLÁSSICOS	153
Baruch Spinoza: transindividualidade e autonomia em uma ontologia relacional	155
<i>Thaís Florêncio de Aguiar & Pablo Pires Ferreira</i>	
Max Weber, clássico da sociologia relacional	183
<i>Carlos Eduardo Sell</i>	
III SISTEMAS E ESTRUTURAS DO PENSAMENTO RELACIONAL	219
“Anarquia de base”: interação, relação e antiessencialismo na teoria dos sistemas sociais	221
<i>Fabrcício Neves</i>	

Experiência, sentimento e <i>Stimmung</i> : categorias úteis à sociologia relacional a partir de Raymond Williams	243
<i>Adelia Miglievich-Ribeiro</i>	
Imagens contra-hegemônicas da modernidade: uma visada sociológica relacional	267
<i>Sergio B. F. Tavolaro</i>	
IV SOCIOLOGIA RELACIONAL EXISTENCIAL	303
O irreal é relacional: intercorporeidade, interafetividade e suas perturbações	305
<i>Gabriel Peters</i>	
O cuidado do corpo: uma sociologia relativa ao morrer	361
<i>Lucas Faial Soneghet</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	387
SOBRE OS AUTORES	423

*A François Dépelteau (1965-2018)
in memoriam*

Abrindo as relações

A relação entre os capítulos

LUCAS FAIAL SONEGHET &

FRÉDÉRIC VANDENBERGHE

Tudo é relativo, eis o único princípio absoluto
(Auguste Comte, *Opúsculos de filosofia social*, p. 2)

E se o mundo não fosse enxergado como um sistema de categorias e de coisas ou como um conjunto de entidades definidas e delimitadas que se destacam de um pano de fundo escuro, semelhante a figuras iluminadas? O que aconteceria se, em vez de olhar para as entidades destacadas, olhássemos para as conexões entre as coisas e as relações que juntam as partes em um todo em constante transformação?

Como seriam as ciências se o mundo fosse pensado como um processo dinâmico de fluxos contínuos que atravessam as partes, e se os conceitos não fossem mais pensados como categorias aristotélicas, mas sim como funções e emanações da própria vida? Como seria a sociologia se os indivíduos e os grupos não fossem mais opostos à sociedade, mas sim pensados, de saída, como coenvolvidos na sua constituição mútua?

Essas são as perguntas da sociologia relacional (doravante SR).¹ Elas são produtivas na medida que trazem mais perguntas e configuram um espaço aberto de interrogação dos nossos modos de pensar, agir e estar no mundo com, contra e para os outros.

Não sabemos (ainda) se a conversão do olhar anuncia uma revolução na ciência e da consciência. A SR convida a uma in-

¹ Para um visão menos especulativa e mais operacional da teoria e da metodologia da SR, remetemos os leitores ao *Manual da sociologia relacional*: DÉPELTEAU, F. (2018a) *Palgrave Handbook of Relational Sociology*. Nova York: Palgrave.

versão da perspectiva, a uma criativa transformação do fundo em figura, da estrutura em processos e do sistema em relações, o que rompe com os nossos modos tradicionais de pensar. Um pouco como quando dizemos que nada existe por si só, que tudo faz parte de um movimento do ser ou, ainda, que são as crianças que criam os pais. Na perspectiva da SR nada é absoluto e tudo é relativo, relacionado e interconectado num devir sem fim.¹ O que vale para o todo vale para as partes.

O convite para pensar o indivíduo e a sociedade como relação e processo tem que ser estendido também ao pensador e aos pensamentos. A socióloga que observa o mundo de uma certa forma é ela mesma formada pela disciplina, a teoria e a metodologia que ela usa para pensar o social como conjunto de ações, interações e estruturas sociais. Pois “relatar” significa não somente relacionar, vincular e conectar as entidades em uma estrutura ou em um sistema coerente de relações, mas também narrar, contar e expor, oralmente ou por escrita, os eventos e os acontecimentos, em uma trama que faça sentido.

Como todas as entidades no mundo, esse livro é um conjunto e um relato. Pode até ser considerado um relatório de atividades e de processos que tem colocado os autores em relação. Mais do que outros, o livro é o resultado de interações, contatos e afetos compartilhados entre os participantes. Tudo começou numa manhã no fim de outubro de 2015, em Caxambu (MG), com uma mesa redonda sobre a sociologia relacional, em um Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). François Dépelteau, Frédéric Vandenberghe, Gabriel Cohn e Sergio Tonkonoff (*in absentia*) apresentaram *papers*. Não somente a sala estava lotada, mas também descobrimos que os ouvintes tinham um interesse verdadeiro pela *sociologia relationalis*. Muitos conheciam a perspectiva e alguns já trabalhavam com ela. Continuamos

¹ COOPER, R. (2005): *Peripheral Vision*. *Relationality, Organization Studies*, 26, 11, pp. 1689-1710.

a conversa no (Grupo de Trabalho) GT “Piscina e sociedade”, criando uma primeira rede de contatos. E assim surgiu a ideia desta publicação.

O livro está dividido em quatro partes que, juntas, formam uma obra que serve ao mesmo tempo como introdução à perspectiva relacional no Brasil e como um memorial para François Dépelteau, que faleceu em 2018, a quem dedicamos esse livro *in pianissimo*.

Na **Primeira Parte**, o leitor encontrará três textos (traduzidos) que dão uma visão panorâmica da história, da proposta e do alcance da virada relacional na sociologia. Bem entendida, essa virada transforma o tema da relação numa perspectiva relacional e constitui assim o objeto num projeto que relaciona tudo com tudo. Em seus comentários introdutórios sobre a sociologia relacional-processual, François Dépelteau, o motor, coordenador e principal animador da *Terceira Internacional Relacional*, introduz os principais pilares da SR, dando foco a seu aspecto “processual” que é elipsado no nome.¹ Essa “abordagem” é entendida não como uma doutrina ou um sistema fechado, mas, antes, como um núcleo ideacional de princípios que norteiam a conceitualização teórica e a investigação empírica de relações e processos que interagem e produzem o mundo social como uma teia dinâmica de interdependências entre atores e actantes, agentes e pacientes de todos os tipos. Dépelteau retoma a ideia da interdependência, cara a Norbert Elias e à sociologia da figuração, mas dá uma ênfase mais política a ela. Confrontado com os processos e os retrocessos de “descivilização” nas

¹ Não tem internacional sem fratura e frações. A Primeira Internacional (realista, relacional e reflexiva) é italiana e se formou nos anos oitenta em torno do funcionalismo de Pier-Paolo Donati. A Segunda (estrutural, relacional e pragmatista) é estadunidense e foi instigada pelos trabalhos de Harrison Whyte, Charles Tilly e Mustafa Emirbayer. A Terceira (construtivista, transacional e processual) é canadense e foi coordenada pelo saudoso François Dépelteau. Enquanto as primeiras duas internacionais têm os seus manifestos (Donati, 2016 e Emirbayer, nesse livro), a terceira tem um testamento (Dépelteau, 2018b).

Américas (vide Trump, Bolsonaro *et cetera*) que fragmentam, tencionam e polarizam as sociedades, ele reformula a sociologia relacional como resposta à “nossa dificuldade crescente de coproduzir campos sociais democráticos”.

Seguindo o mote de delinear os princípios de uma SR, temos em seguida o *Manifesto por uma sociologia relacional*, de Mustafa Emirbayer, publicado originalmente em 1997, nos Estados Unidos. O *Manifesto* pode ser lido como uma declaração de interdependência — “Entidades do mundo, relacionai-vos!”, seria o seu lema. Emirbayer começa o *Manifesto* postulando o dilema que assolaria os sociólogos de seu tempo: deve-se conceber o mundo social em termos de substâncias ou de processos? A partir daí, o autor deslinda os contornos do que seria uma abordagem processual e relacional em contraponto a uma abordagem substancialista e categorial que, segundo o próprio, pretenderia vigência na teoria social. Na esteira do pragmatismo de Dewey e Bentley, Emirbayer distingue três perspectivas: a “auto-ação”, a “inter-ação” e a “trans-ação”. Na primeira, as substâncias são entendidas como entes autopropulsores e autotélicas, com propriedades contidas em si mesmas que seriam responsáveis pelo seu comportamento no mundo. Na perspectiva da interação, figurariam os substancialistas que não negam a relação entre entes substantivos, mas que mal enxergam que a relação é ontologicamente primeira e que ela transforma e performa as entidades. Contra o individualismo e o funcionalismo que reificam processos em personagens e contra os positivistas que procuram correlações entre variáveis dependentes e independentes, Emirbayer se apoia sobre a análise de redes de Harrison White e sobre a sociologia crítica de Pierre Bourdieu, para conceituar a transação como interdependência generalizada de processos e relações sociais. Na perspectiva da transação, as entidades nunca são vistas como substâncias. Avesa à retirada analítica das coisas do “contexto transacional” na qual estão imbricadas, a sociologia relacional deslinda uma alterna-

tiva paradigmática para pensar a estrutura social, a cultura e a personalidade em todos os níveis da realidade.

Continuando com o ímpeto de melhor desenhar os contornos da SR enquanto movimento intelectual, Frédéric Vandenberghe proporciona uma reconstrução desse conjunto de teorias voltando para os clássicos da teoria social. Tal volta reconstrutiva tem como objetivo esclarecer algumas “coordenadas” do pensamento relacional que, ao serem combinadas, permitem uma visão global do movimento e vislumbram a possibilidade de sua organização rumo a uma teoria social complexa e abrangente. De saída, são denominados dois polos dentro da virada relacional-processual: o estruturalista-relacional e o pragmatista-processual. Vandenberghe afirma que tais polos, mesmo com um gradiente entre os dois, que vai do realismo crítico ao construtivismo radical, portam visões radicalmente diferentes a respeito de conceitos fundamentais da teoria social. Dedicando-se a encontrar em Marx, Simmel, Tarde e Mauss, indícios daquilo que viria a ser recuperado pelo pensamento relacional, ele traça um mapa do legado relacional. Ele também deslinda o estruturalismo, o processualismo, o interacionismo e o simbolismo como quatro configurações do pensamento relacional e argumenta que uma teoria geral das sociedades deve incorporá-las e ser ao mesmo tempo estrutural, processual, interacionista e simbólica. Num exercício de metateoria complexa, ele tematiza a emergência das relações sociais e pensa a teoria social como inter-relação não só de duas ordens (agência e estrutura), mas de três: a introdução da relação epistêmica entre o sujeito e o objeto reconfigura a relação entre agência e estrutura, a partir de um observador de segunda ordem que analise como a teoria constrói o seu mundo social – é como se o observador das relações sociais fosse observado observando o mundo que ele mesmo constrói.

Na **Segunda Parte** do livro, dois autores que não fazem parte do cânone da SR são apresentados e analisados. No ca-

pítulo sobre Baruch Spinoza, que é um autor bastante lido e apreciado por Marx e Simmel, Thais de Aguiar e Pablo Pires Ferreira fazem uma exegese sofisticada do filósofo holandês. A partir do conceito de *transindividualidade*, um conceito que Étienne Balibar introduz na filosofia política contemporânea para problematizar os dualismos (indivíduo e sociedade, interioridade e exterioridade), eles reconstroem sistematicamente o pensamento de Spinoza. Tudo o que existe é um modo, uma modificação e uma modulação da existência da natureza, que exprime a potência de Deus. *Relatio sive Natura* – a natureza é relação e a relação é divina, ainda mais quando ela é animada pelas pulsões alegres que aumentam a potência de agir em comum e nos fortalecem.

Na literatura sobre SR, Weber é, em geral, considerado como um pensador nominalista que trata os indivíduos como elementos últimos da realidade social. Entre Hegel e Nietzsche ou Durkheim e Spencer, parece que ele escolheu esses. No seu capítulo sobre Max Weber, Carlos Eduardo Sell, o maior expoente do paradigma weberiano de Heidelberg no Brasil, mostra como o conceito da relação social permite articular a ação social à ordem social. Além disso, é enfatizada a dimensão de *emergência* na teoria weberiana, visto que a chance da ação social se traduzir em relação social é contingente e, uma vez realizada, não pode ser reduzida logicamente a seu antecedente. Tal conteúdo emergente da ação social pode ser encontrado no “conteúdo de sentido”, noção que se refere à alusão necessária ao ajuste mútuo entre atores sociais que não precisa ser necessariamente compartilhada totalmente por cada um. Essa leitura relacional de Weber é convincente e mostra a capacidade da SR de rever e redefinir os autores e os conceitos clássicos da sociologia.

Na **Terceira Parte**, temos textos que propõem um diálogo entre a SR e três vertentes da teoria social e cultural contemporânea: a teoria dos sistemas de Luhmann, os estudos culturais

de Raymond Williams e a sociologia histórica comparativa. No seu texto sobre anarquia, contingência e sistemas sociais, Fabrício Neves arrisca uma leitura relacional de Niklas Luhmann. Na esteira do grande sociólogo de Bielefeld, ele parte de uma subdivisão do sistema social em interações, organizações e sociedades e mostra como os três sistemas se estruturam e se acoplam entre si mediante a operação de vários tipos de relação (comunicação, interação, observação) que ao mesmo tempo aumentam a complexidade interna e reduzem a complexidade externa. Tem-se como resultado sistemas autopoieticos que se fecham ao mundo para reconstruí-lo como o seu mundo, o que, paradoxalmente, lhes permite lidar melhor com a complexidade do mundo afora.

Adelia Miglievich-Ribeiro parte da obra de Raymond Williams para intuir, a partir da virada afetiva na teoria social, uma maneira de preencher os vazios entre agência, estrutura e processo. O materialismo cultural de Williams coloca ênfase nas experiências humanas, sejam elas conscientes ou vividas tacitamente, e localiza tais experiências no pano de fundo comum da “cultura”. Na experiência humana, a cultura, os pensamentos e os sentimentos do indivíduo se entrelaçam. O conceito de “estruturas de sentimentos” serve para falar de “formas emergentes” resultantes da vida em sociedade. A autora se apoia sobre a virada afetiva, que se inspira de releituras criativas de Spinoza por Deleuze, para mostrar que tais estruturas na verdade não são estruturas, mas processos. Sendo assim, o conceito de estrutura de sentimentos acerta naquela dimensão do social que é a fluidez, a contingência e a potência de mudança, o que aparece somente nas fissuras.

Radicalizando os estudos culturais, os estudos pós-coloniais questionam a desconexão entre a metrópole e as colônias, mostrando que aquela não pode existir sem essas - e *vice-versa*. Sérgio B.F. Tavolaro apresenta, no marco das reflexões a respeito das modernidades periféricas, excêntricas ou entrelaçadas,

uma alternativa relacional à história eurocentrada. Tal alternativa se realiza quando a unidade de análise não é mais o Estado-nação, mas a interconexão estrutural entre as sociedades. Descentrando a história mundial, a visão relacional permite vislumbrar diversas trajetórias de modernidade e de repensar a história dos países colonizados em termos não só de suas relações de dependência com a metrópole, mas de uma interdependência mútua de suas histórias interconectadas.

Na **Quarta Parte**, temos dois textos com um intento e uma intensidade mais existenciais. Gabriel Peters, que também é o tradutor dos textos de Dépelteau e Emirbayer, traz uma reflexão acerca das dimensões intercorpórea e interafetiva do social, por vezes desvalorizadas em concepções mais intelectualistas da ideia de “intersubjetividade”. Acrescentando a “virada afetiva” à “virada praxeológica”, o autor concebe a vida individual como existência. Com o intento de interpelar a abordagem relacional, ele busca ferramentas na fenomenologia para recuperar traços da vivência de psicopatologias, particularmente a depressão. Enquanto existir corpóreo e afetivo, a existência é uma totalidade vivida na qual os fatores cognitivos, morais, físicos e afetivos se entrelaçam ou, como é no caso das psicopatologias, se desfazem. Visto que os indivíduos experimentam o mundo pelo seu corpo, tanto como veículo das práticas quanto como meio de “afetabilidade” primário, sensações de “perturbação” no senso afetivo-corpóreo afetam relações pessoais, a relação do indivíduo consigo mesmo e sua capacidade de navegar implicitamente e “naturalmente” nas “atmosfera” contextuais nas quais se encontram — sejam elas festas, reuniões ou velórios.

No último capítulo, Lucas Faial Soneghet desenvolve uma reflexão a respeito do morrer do ponto de vista relacional, prezando também a dimensão corporal e fenomenológica da experiência. Passando pelos clássicos Norbert Elias e Georg Simmel, particularmente seus escritos sobre a morte, o autor busca delinear contornos para uma abordagem do morrer centrada na

experiência do moribundo, entendendo que a dimensão biológica da finitude deve ser parte fundamental de uma abordagem sociológica e antropológica centrada no sujeito. Se o sujeito é coproduzido, ou seja, feito e refeito por si mesmo, pelos outros e pelo mundo sempre em relações, o morrer não seria diferente, sendo contexto particularmente agudo em que o corpo emerge como nexos relacional frágil e maleável. Com esse último texto sobre a morte, chegamos ao fim. Não só do livro e da conferência que organizamos em homenagem a François Dépelteau em Florianópolis (SC), mas também das palavras. Com esse livro tentamos manter a fidelidade aos princípios de abertura, encontro e diálogo que marcaram a sua vida.

A SR não é só uma teoria; é também uma prática que vem de uma reflexão aguda e compartilhada sobre a ausência de uma relação. Como dizia Alphonse de la Martine, quando uma relação única nos falta, fica tudo deserto. O ponto da sociologia relacional é criar oásis onde só havia deserto.

Sobre os autores

Frédéric Vandenberghe

É graduado em Ciências Sociais e Políticas (RU Gent, Bélgica, 1988), mestre em Sociologia (*Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, Paris, 1989) e doutor em Sociologia (*Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, Paris, 1994). Atualmente é professor do Instituto de Filosofia e de Ciências Sociais na Universidade Federal de Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ). Coordenador do Núcleo de Pesquisa Sociofilo (www.sociofilo.org). Trabalha com Teoria Social, Teoria Sociológica e Filosofia das Ciências Sociais. Atuando principalmente nos seguintes temas: Realismo crítico, Hermenêutica e Fenomenologia; Globalização, micro-sociologia e teoria da ação; Dádiva, intersubjetividade e crise existencial. Membro do conselho de *Sociological Theory*, *European Journal of Social Theory*, *Revue du MAUSS* e *Revue canadienne de sociologie*. Membro da *International Association for Critical Realism* (IACR, Londres), *Center for Cultural Sociology* (CCS, Yale University), *Mouvement Anti-Utilitariste en Sciences Sociales* (MAUSS, Paris) e *Kosmopolis Institute* (Utrecht, Holanda).

François Dépelteau †

Formado em Ciência Política pela *Laval University* em Québec. Foi professor titular na *Laurentian University* no Canadá. Trabalhou na área da teoria sociológica, movimentos sociais e sociologia ambiental. Fundou e coordenou a rede internacional da “sociologia relacional”. Foi editor da *Canadian Sociology Review*. Ele organizou dois livros sobre a sociologia de Norbert Elias e também dois sobre sociologia relacional, além de dirigir a coleção *Palgrave Series of Relational Sociology*. Sua maior área de interesse foi a sociologia relacional, vertente que cultivou e ajudou a estabelecer no cenário acadêmico internacional. Também trabalhou com a teoria de Norbert Elias, o interacionismo simbólico de Herbert Blumer e o pragmatismo de John Dewey.

Mustafa Emirbayer

É sociólogo americano e professor de sociologia na Universidade de Wisconsin-Madison. É conhecido por suas contribuições teóricas à análise de redes sociais, e é um dos principais defensores da sociologia relacional, escrevendo o *Manifesto* aqui publicado. Ganhou o *Lewis A. Coser Award for Theoretical Agenda-Setting* da Associação Sociológica Americana. Atua nas seguintes áreas de interesse: análise de classes e mudança histórica; sociologia comparativa-histórica; cultura, etnometodologia e análise de conversação; teoria social geral; métodos qualitativos; estudos raça e étnicos, movimentos sociais e comportamento coletivo.

Gabriel Cohn

É graduado em Ciências Sociais pela FFLCH/Universidade de São Paulo (1964), Mestre em Ciências Sociais (Sociologia), FFLCH/USP (1967) e doutor em Sociologia, FFLCH/USP (1971). É professor emérito da FFLCH/USP desde 2011 e aposentou-se em 2008. Atualmente é professor visitante na UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pelo Programa Professor Visitante Nacional Sênior da CAPES. Suas áreas de concentração incluem: sociologia do desenvolvimento; sociologia da comunicação e cultura; teoria social com ênfase em teoria da ação (especialmente Max Weber) e em Teoria Crítica da Sociedade, particularmente a obra de Adorno.

Thais Florêncio de Aguiar

Possui mestrado em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ) e doutorado em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Realizou estágio doutoral junto ao laboratório *Sophiapol* na Universidade Paris Nanterre. É professora adjunta do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e

Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ. Ganhadora do Prêmio Capes de Tese 2014 na categoria Ciência Política/Relações Internacionais, com tese publicada no livro *Demofobia e demofilia: dilemas da democratização*. Atua na área de teoria política e filosofia política, com ênfase nos estudos sobre democracia (demofobia e demofilia), ideias políticas (socialismos, anarquismo, liberalismo, neoliberalismo), spinozismo e teoria da autonomia.

Pablo Pires Ferreira

Possui graduação em Comunicação Social Jornalismo (2001) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestrado em Filosofia (2014) pela UFRJ. É doutorando em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da PUC-Rio. Atualmente é tecnologista em saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Tem experiência profissional na área de Comunicação, com ênfase em divulgação científica. Tem experiência acadêmica na área de Filosofia, com ênfase em ontologia, epistemologia e Educação.

Carlos Eduardo Sell

Possui graduação em Filosofia pela Fundação Educacional de Brusque, mestrado em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutorado em Sociologia pela mesma instituição. Realizou dois pós-doutoramentos na Universidade de Heidelberg (*Ruprechts-Karl Universität*), Alemanha entre 2010/2011 e 2017/2018. Atualmente é professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC. Tem experiência na área de Sociologia, voltando-se prioritariamente para os temas da Teoria Sociológica. Desenvolve pesquisa sobre o pensamento de Max Weber, discutindo os temas da racionalidade e do racionalismo, com ênfase em sua sociologia da religião e em sua sociologia política.

Fabício Neves

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2001), mestrado

em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2004) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Atua principalmente nos seguintes temas: Produção do conhecimento e diferença centro/periferia; tecnologia e sociedade; hierarquias científicas; internacionalização da ciência. Bolsista de produtividade CNPq.

Sérgio Tavoraro

Possui graduação em Ciências Sociais (1994) e mestrado em Sociologia (1998) pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), além de mestrado (2001) e doutorado (2005) em Sociologia pela *The New School for Social Research* (Nova York, EUA). É co-líder do Grupo de Pesquisa Pensamento Social Latino-Americano (Diretório CNPq) e membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Departamento de Sociologia da UnB. É professor associado do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UnB). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica, Pensamento Social e Sociologia Política, atuando principalmente nos seguintes temas: pensamento sociológico brasileiro, cidadania, sociedade civil, movimentos sociais e sociologia ambiental.

Adelia Miglievich Ribeiro

Possui mestrado em Sociologia pelo antigo IUPERJ (1994) e doutorado em Sociologia pelo IFCS-UFRJ (2000). De 2001 a 2009, foi Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Unf) e nela atuou, por oito anos, como docente permanente do PPG em Políticas Sociais. Ingressou, em 2009, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde é Professora Associada, credenciada como docente permanente no PPG de Ciências Sociais. Lidera, na UFES, o Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento (Netir), em parceria com

a *Università Ca' Foscari di Venezia*. É membro do Laboratório de Sociologia Não-exemplar (UnB) e do Grupo Sociedade Brasileira Contemporânea: Cultura, Democracia e Pensamento Social, além do Instituto de Estudos Africanos (IEAf), na UFPE, onde também participa do Grupo de Estudos em Teoria Social e Subjetividades (Getss). Dedicar-se às teorias sociais, à sociologia dos intelectuais, às epistemologias pós-coloniais/decoloniais e às assim chamadas sociologias emergentes.

Gabriel Peters

Possui graduação em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), mestrado em Sociologia pela mesma instituição e doutorado em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). Atualmente é professor adjunto do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É autor de dois livros publicados pela editora Annablume: *Percursos na teoria das práticas sociais: Anthony Giddens e Pierre Bourdieu* (2015) e *A ordem social como problema psíquico: do existencialismo sociológico à epistemologia insana?* (2017).

Lucas Faial Soneghet

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestrado em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ (PPGSA/UFRJ). Atualmente é doutorando em Sociologia pelo PPGSA/UFRJ. No mestrado, desenvolveu pesquisa sobre a obra de Mário de Andrade, com ênfase na dimensão religiosa e suas relações com o pensamento católico brasileiro. No doutorado, pesquisa sobre o cuidado e subjetividade no processo de morrer, com foco em indivíduos acometidos por doenças crônico-degenerativas sob cuidados paliativos. Atua como livre-pesquisador e colaborador no selo editorial do *Ateliê de Humanidades*. Atua no grupo de pesquisa *Sociófilo*, atualmente sediado no IFCS-UFRJ.

Coleção Filosofia e Teoria Social

A coleção tem como missão publicar textos clássicos e contemporâneos em teoria social e em ciências sociais (teoricamente orientadas), contribuindo para uma renovação significativa das ciências sociais brasileiras. A política editorial é de abertura e passa por uma redefinição de fronteiras disciplinares. Nesse sentido, ela acolhe dois tipos de textos. Primeiramente, a publicação de livros das distintas tradições clássicas da teoria social, bem como das mais recentes viradas e inovações no campo, traduzindo textos representativos e entrevistas de grandes autores estrangeiros que estão na ponta do debate internacional nas ciências sociais. Em segundo lugar, a publicação de textos de jovens e talentosos(as) pesquisadores(as) em ciências sociais. Neste grupo, estarão presentes duas linhas de investigação. De um lado, textos teóricos sólidos, situados na fronteira da sociologia e da filosofia, que tratam dos fundamentos das ciências sociais e, igualmente, que dialogam com as vertentes mais recentes da teoria social contemporânea ou apresentam uma reflexão sobre a "ontologia do presente". De outro lado, pesquisas microsociológicas e etnografias ousadas, de cunho fenomenológico, etnometodológico, pragmatista ou neomonadológico, situadas na fronteira entre a sociologia e a antropologia, que aplicam grandes teorias para entender pequenas situações de ação, explicitando o pano de fundo cultural das práticas ou tentando interpretar as crises existenciais que perpassam uma vida.

Direção da Série

Frédéric Vandenberghe - IFCS-UFRJ

Conselho Acadêmico

Elisa Reis - UFRJ

Marcos Lacerda - UFPel

José Luis Garcia - ULisboa

Raquel Weiss - UFRGS

Lucas Faial Soneghet - UFRJ

Livros do catálogo

1. Sociologia relacional -

Frédéric Vandenberghe e François Dépelteau (organizadores)

No prelo

1. Teoria antiutilitarista da ação - Alain Caillé

2. Teoria Social Reconstitutiva - Frédéric Vandenberghe

FONTES: Próxima Nova e Phoreus Cherokee

TAMANHO: 14 cm X 21 cm

PAPEL(VERSÃO IMPRESSA): Pólen Soft



Ateliê de Humanidades
Editorial

E se o mundo fosse enxergado não como um sistema de categorias e de coisas ou como um conjunto de entidades definidas e delimitadas que se destacam de um pano de fundo escuro, semelhante a figuras iluminadas? O que aconteceria se em vez de olhar para as entidades destacadas, olhássemos para as conexões entre as coisas e as relações que juntam as partes em um todo, em constante transformação?

Como seriam as ciências se o mundo fosse pensado como um processo dinâmico de fluxos contínuos que atravessam as partes, e se os conceitos não fossem mais pensados como categorias aristotélicas, mas como funções e emanações da própria vida?

AUTORES:

François Dépelteau, Frédéric Vandenberghe, Gabriel Cohn, Mustafa Emirbayer, Thaís Florêncio de Aguiar, Pablo Pires Ferreira, Carlos Eduardo Sell, Fabrício Neves, Adelia Miglievich-Ribeiro, Sergio B. F. Tavoraro, Gabriel Peters e Lucas Faial Soneghet.